Cândido, Pangloss e a questão do *meilleur des mondes*: uma interpretação filosófico-literária da obra *Cândido ou O Otimismo*

Otacílio Gomes da Silva Neto[1]

RESUMO :

O debate em torno do *meilleur des mondes* é uma constante na obra *Cândido ou O Otimismo* (1759) de Voltaire. Uma das questões que permeava esse debate era se as coisas iam de mal a pior ou se as catástrofes naturais, guerras e tragédias faziam parte da ordem natural das coisas e, portanto, num plano geral poderiam ser consideradas boas. Através de seu mestre Pangloss, Cândido aprende desde cedo que *Tout est bien*, pois esse é o *meilleur des mondes possibles*. Conceito que vai mudando consideravelmente na proporção em que a experiência da vida vai mostrando a Cândido que as coisas parecem mesmo é ir de mal a pior. As amarguras fazem com que Cândido comece a desacreditar nas lições de Pangloss e passe a adquirir uma visão de mundo menos ingênua. As desgraças vivenciadas despertam-no para a realidade da vida.

Palavras Chave: Otimismo – Bem – Mal – Ordem

Nesse ano de 2009 temos a satisfação de comemorar os 250 anos de publicação da obra: *Cândido Ou o Otimismo* (1759) de Voltaire. Esse acontecimento é marcante para os estudiosos e leitores de pensadores de língua francesa do século XVIII, e mais particularmente para os que se interessam pelo pensamento de Voltaire. Conhecido como um dos filósofos do Século das Luzes, Voltaire também se destacou nos domínios da literatura e do teatro.

Havia, nessa época, uma estreita relação entre filosofia e literatura, pois, romances e contos eram bastante utilizados para os pensadores divulgarem suas idéias. Conforme Matos: "Um dos traços mais fascinantes do pensamento do século XVIII é, sem dúvida, a inexistência de fronteiras precisas entre filosofia e literatura e, conseqüentemente, a multiplicidade de gêneros então praticada pelo filósofo" (MATOS, 2001, p.97). Se os pensadores do século XVIII aproximam essas fronteiras, então há que se interpretar a obra literária destacando nela o que há de filosófico e porque não dizer, de pedagógico, pois, da mesma forma, a literatura tinha uma intimidade

[1] (Professor Mestre / Filosofia - UEPB)

relevante com a educação transformando-se num importante instrumento formativo, conforme Freitag: "No Século das Luzes (XVIII) a intimidade foi tamanha que houve uma espécie de assimilação da educação ao texto literário e este passou a veicular conteúdos pedagógicos" (FREITAG, 1994, p.66).

O *Cândido* talvez seja o conto mais conhecido de Voltaire.[2] Nele estão impregnados alguns temas de sua filosofia, como: a questão do mal físico e do mal moral, a Providência, a concepção de natureza humana, a crítica da política e da religião, e a defesa da Tolerância. O conto possui trinta capítulos, e conforme van den Heuvel *apud* Matos, ele está dividido em dois momentos:

> O primeiro momento começa com a paródia da queda e termina na casual e milagrosa chegada de Candide e Cacambo ao Eldorado: seu objetivo, como já vimos, é provar a irrefutável existência do mal e, por isso, é marcado pela contínua fuga do protagonista, pelo clima do "salve-se quem puder" (fórmula então obsessivamente usada na correspondência de Voltaire). O segundo momento principia com a partida do herói e acaba no jardim da Propôntida: visto que o mal existe, que o mundo no qual vivemos é este e não o melhor dos possíveis, trata-se agora de saber como se pode viver nele, quer dizer, trata-se de formular a sabedoria que nos resta (MATOS, 2001, p.216).

É no início da obra em um castelo da Vestfália pertencente a um barão, em que se dão os primeiros contatos entre Cândido e o seu preceptor chamado Pangloss. No castelo também moravam a senhora baronesa, a bela Cunegundes e o seu irmão, filhos do casal e os criados. Cândido vê ingenuamente o mundo a partir do castelo em que morava e das lições de Pangloss segundo as quais:

> Está demonstrado – dizia ele – que as coisas não podem ser de outra maneira: pois, como tudo foi feito para um fim, tudo está necessariamente destinado ao melhor fim. Queiram notar que os narizes forma feitos para usar óculos, e por isso nós temos óculos. As pernas foram visivelmente instituídas para as calças, e por isso temos calças. As pedras foram feitas para serem talhadas e edificar castelos, e por isso monsenhor tem um lindo castelo; o mais considerável barão da província deve ser o mais bem alojado; e, como os porcos foram feitos para serem comidos, nós comemos porco o ano inteiro; por conseguinte, aqueles que asseveravam que tudo está bem disseram uma tolice; deviam era dizer que tudo está o melhor possível (VOLTAIRE, 1979, p.154).

O tema do *melhor dos mundos* se insere conceitualmente na crítica a Leibniz e Pope. Tal tema está intimamente relacionado com o axioma *Tudo está bem*. Na linguagem lógica um axioma pode ser compreendido como verdades gerais aplicáveis em qualquer caso particular (HEGENBERG, 1995, p.18). O axioma *Tudo está bem*

[2] Para Franklin de Matos: "O mais panfletário, o mais vertiginoso, o mais voltairiano dos contos filosóficos, escrito em 1758, depois que Voltaire vencera suas resistências quanto ao gênero humano e passara uns vinte anos calibrando-o pacientemente" (MATOS, 2001, p.214).

pode ser assumido em quadros conceituais muito distintos. Nesse sentido, Leibniz e Voltaire partiram do mesmo axioma (*Tudo está bem*), mas com argumentos diferentes. O axioma citado parece ter sido originariamente apresentado por Leibniz. Em seguida, foi salvaguardado por Voltaire praticamente um século depois, mas com outra interpretação argumentativa. Analisemos cada interpretação a seguir.

Em Leibniz há uma tendência de pensar o mundo a partir de uma ordem[2]. O grande responsável por essa ordem do mundo é Deus. Leibniz conceitua Deus como um ser absolutamente perfeito responsável pela ordem do mundo. Conforme Leibniz: "*A noção mais aceita e mais significativa que possuímos de Deus exprime-se muito bem nestes termos: Deus é um ser absolutamente perfeito*" (LEIBNIZ, 2004, p.3). Se Deus é esse ser *absolutamente perfeito* onde estaria o problema do mal no mundo, tendo em vista que o mundo é criatura de Deus? Como pode esse ser perfeito permitir o mal naquilo que ele próprio criou? Há uma tendência em Leibniz a distinguir Deus das criaturas. O problema do mal não estaria em Deus, mas seria algo pertencente às criaturas que não são iguais ao seu criador. Se quisermos procurar a causa do mal no mundo, procuremos no próprio mundo, e não naquele que o criou. Nesse caso, nós temos um certo paradoxo entre o bem e o mal, na proporção em que, de um lado, Deus é bom por sua própria natureza. E é por sua própria natureza que ele cria o que há de bom: *o melhor dos mundos possíveis*[3].

Mas como o *melhor dos mundos possíveis* pode ao mesmo tempo contrair o mal, na medida em que é criação do ser perfeito? Parece que Leibniz olha o mundo com um certo otimismo não pelo mundo em si, mas por aquele que o criou. Dizer que o mundo é essencialmente bom seria confundi-lo com o seu criador. É óbvio que Leibniz não compartilha dessa idéia: Deus não pode ser confundido com o mundo. Leibniz parece querer se afastar de Spinoza. Uma vez que o mundo foi criado, o mal surgiu do próprio mundo pela sua imperfeição. De um lado, a causa do mal é fruto da perca da inocência dos homens através do pecado original, de outro, o mal é fruto dessa imperfeição natural intrinsecamente presente nas criaturas. Conforme Leibniz:

[2] Conforme Leibniz: *Assim, pode-se dizer que, de qualquer maneira que Deus criasse o mundo, este teria sido sempre regular e dentro de certa ordem geral* (LEIBNIZ, 2004, p.12-13).

[3] Conforme Leibniz: *É suficiente, portanto, ter em Deus esta confiança: ele tudo faz para o melhor e nada poderá prejudicar a quem o ama. Conhecer, porém, em particular, as razões que puderam movê-lo a escolher esta ordem do universo, permitir os pecados e dispensar as suas graças salutares de uma determinada maneira, eis o que ultrapassa as forças de um espírito finito, mormente se ele não tiver alcançado, ainda, o gozo da visão de Deus* (LEIBNIZ, 2004, p.10).

> Entretanto, vê-se claramente não ser Deus a causa do mal, pois não só o pecado original se apoderou da alma depois da perda da inocência dos homens, mas ainda anteriormente havia uma limitação ou imperfeição conatural a todas as criaturas, tornando-se pecáveis ou suscetíveis de pecar (LEIBNIZ, 2004, p.65).

Há uma proximidade entre filosofia e teologia naquilo que causa o mal. De um lado, Leibniz concorda com os princípios da teologia cristã em matéria de pecado original como causa do mal, de outro, Leibniz apresenta como causa do mal essa imperfeição natural que afasta essencialmente as criaturas do criador.

Voltaire ao criar Pangloss tinha a intenção de atingir as teses de Leibniz. A insistência de Cândido em considerar Pangloss como o maior filósofo da Alemanha nos leva a crer nisso.[4] Há uma respeitosa referência a Leibniz feita por Pangloss no capítulo XVIII, num diálogo entre ambos. É óbvio que a respeitosa referência se dá num estilo sarcástico:

> - Pois bem! Meu caro Pangloss – disse Cândido – enquanto eras enforcado, dissecado, espancado e remavas nas galeras, sempre achavas que tudo ia o melhor possível?
>
> - Mantenho a minha primitiva opinião – respondeu Pangloss –, pois, afinal, sou filósofo: não me convém desdizer-me, visto que Leibniz não pode incorrer em erro, e a harmonia preestabelecida é a mais bela coisa do mundo, bem como o todo e a matéria sutil (VOLTAIRE, 1979, p.231).

Mais maduro, Cândido ao vivenciar suas desgraças e ouvir as dos outros – aliás o livro é recheado de pessoas que contam suas desgraças – não se deixa mais levar por lições de ninguém. Desde sua saída do castelo ao beijar Cunegundes e ser dele expulso levando chutes no traseiro do barão, Cândido vai aprendendo por conta própria, que o mundo e as pessoas que o cercam são extremante maldosas e hostis. Disso resulta numa gradativa ruptura entre discípulo e mestre. Conforme Neiman:

> A especulação cega de Cândido mostrava que ele nunca havia aprendido a pensar sozinho. Ele vê o mundo por meio das lições de Pangloss, cuja fama de maior filósofo do mundo vinha do fato de ele ser o tutor em exercício em um castelo westfaliano. Cândido ganha um pouco de sabedoria quando, guiado pelo cético Martinho, rejeita a especulação inteiramente em prol de trabalho duro e simples (NEIMAN, 2003, p.150).

Por intermédio do *Cândido* Voltaire quer demonstrar (não nos interessa se de forma realista ou pessimista) uma visão de mundo desencantada. O desencantamento com a idéia do *melhor dos mundos,* dar-se-á, gradativamente, quando Cândido

[4] Cândido faz essa referência a Pangloss no capítulo XXV: *Eis – disse ele – um livro que fazia as delícias do grande Pangloss, o maior filósofo da Alemanha* (VOLTAIRE, 1980, p.219).

começa a conhecê-lo melhor. O resultado que vai se construindo não é nada animador para os que acreditam no otimismo da realidade. A ordem dos episódios vai gerando uma descrença de Cândido frente às lições de Pangloss, a ponto de Cândido ir desacreditando em suas lições: "Se este é o melhor dos mundos possíveis como não serão os outros" (VOLTAIRE, 1979, p.164), afirma Cândido ao próprio Pangloss após sobreviver ao terremoto de Lisboa e cair nas mãos da Inquisição.

A aspereza pela qual o leitor é levado durante a leitura não desmente os fatos reais que acompanham os personagens. Se o tema em questão abre a possibilidade para a defesa de que este é o *melhor dos mundos possíveis*, pois os próprios males particulares existem em função do bem geral, Voltaire volta seu olhar para os próprios males da vida. Estes são reais, não há como negá-los. A tese do bem geral é uma idéia, há que se acreditar nela ou não. Os males não são idéias são fatos. Conforme Neiman:

> O livro começa com a Guerra dos Sete Anos, na qual pessoas foram realmente massacradas sem motivo nenhum. A Inquisição realmente queimava desconhecidos em nome de Deus. Os conquistadores europeus realmente assassinavam milhões de habitantes nativos em busca de ouro. Escravos africanos eram realmente mutilados nas colônias de países tão esclarecidos quanto a Holanda, e países progressistas como a Inglaterra realmente executavam seus oficiais por perderem batalhas cruciais. Mulheres são realmente estupradas com enorme freqüência durante guerras (NEIMAN, 2003, p. 152).

Através desse possível itinerário epistemológico de Cândido rumo ao *verdadeiro* conhecimento do mundo, não estaria incutida a idéia do mundo como *devir*? Leibniz também parece ser de acordo com a idéia de que o mundo é guiado pelo *devir* na proporção em que ele faz a diferença radical entre o mundo e a Providência. Haveria uma ordem no mundo (devir) uma vez que ele é sustentado pela Providência? Em Voltaire, se há essa ordem no mundo, ela é caracterizada pela dureza da sofrível realidade. O questionamento a Providência é destacado no *Poema sobre o desastre de Lisboa* (1755). Parece que de alguma forma, as conclusões do *Cândido* em relação às desgraças da vida pressupõem uma leitura de um problema anterior presente no *Poema* – a questão da Providência. No capítulo XIX do *Cândido*, Cacambo interroga-o sobre o que é o otimismo. Cândido responde que: "*É a mania de sustentar que tudo está bem quando tudo está mal*" (VOLTAIRE, 1980, p.197). É se afastando do otimismo de Pangloss que Cândido conhece o velho Martinho, no capítulo XIX.

Se na primeira parte do livro o alvo é Pangloss, na segunda parte a discussão acontece com Martinho que era um maniqueísta. A tese de Martinho era a de que o mundo é uma desgraça só. Não há esperança, tudo são horror e miséria:

> Mas confesso-lhe que, lançando o olhar sobre este globo, ou antes, sobre este glóbulo, penso que Deus o abandonou a algum ser maléfico; excetuo contudo Eldorado. Nunca vi cidade que não desejasse a ruína da cidade vizinha, nem família que não quisesse exterminar alguma outra família. Por toda parte, os fracos abominam os poderosos perante os quais rastejam, e os poderosos os tratam como rebanhos de que vendem lã e a carne. Um milhão de assassinos arregimentados, correndo de um a outro extremo da Europa, exercem o morticínio e a pilhagem com toda a disciplina, porque não têm ofício mais honrado; e, nas cidades que parecem desfrutar da paz e onde florescem as artes, os homens são devorados de mais inveja, de mais cuidados e inquietações do que experimenta de flagelo uma cidade cercada pelo inimigo. Os pesares secretos são ainda mais cruéis do que as misérias públicas. Numa palavra, tanto vi e tanto sofri, que sou maniqueu (VOLTAIRE, 1979, p.201) .

Pangloss ou Martinho? Otimismo ou pessimismo? Sem dúvida, a vida mostrou muito mais a Cândido do que lições de metafísica ou de maniqueísmo. Não há que se discutir se este é melhor ou o pior dos mundos. Há que se viver tirando dele os melhores prazeres possíveis. A cena final em que eles vivem e trabalham em volta de um jardim nos mostra como se deve agüentar a vida. Pangloss continua na sua mediocridade filosófica querendo demonstrar que esse é o *melhor dos mundos possíveis*, Martinho já aborrecido afirma que: *Trabalhemos sem filosofar, é a única maneira de tornar o mundo possível*, intercalado por um conselho repetido de Cândido: *devemos cultivar nosso jardim* (VOLTAIRE, 1978, p.235-236).

Diga o que disser, faça o que fizer, pense o que pensar. Discutir se o mundo é bom ou ruim, para Cândido não importa. A desgraça faz parte da vida, não há como negá-la. Devemos aprender a suportá-la por meio do trabalho. O que nos chama a atenção no final do livro é que Cândido consegue tirar suas conclusões por si só. Isso é a autonomia, é esclarecimento. O choque entre as idéias de Cândido e Pangloss são intermediadas pelo mundo, verdadeiro lugar do saber e da aprendizagem.

BIBLIOGRAFIA

FREITAG, Bárbara. *O indivíduo em formação*. 3 ed. São Paulo : Cortez, 1994.

HEGENBERG, Leônidas. *Dicionário de Lógica*. São Paulo: EPU, 1995.

LEIBNIZ, Gottfried. *Discurso de metafísica e outros textos*. São Paulo: Martins fontes, 2004.

NEIMAN, Susan. *O mal no pensamento moderno*. Rio de Janeiro: Difel, 2003.

VOLTAIRE, François Marie Arouet. *Candide ou l'Optimisme*. Paris: Gallimard, 1992.

___. *Cândido ou O Otimismo*. São Paulo: Abril Cultural, 1979 (p.147-236).